

**CLÍTICOS, REDOBRO E VARIAÇÃO NA ORDEM
NA LÍNGUA CAIABI (FAMÍLIA TUPI-GUARANI)**

Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)
natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Descrição da morfologia e da sintaxe do caiabi, língua indígena brasileira, da família tupi-guarani, a partir de um enfoque gerativista. Abordamos questões como a ordem oracional, o redobro dos elementos pronominais e o fenômeno dos clíticos de segunda posição.

Palavras-chave:

Línguas Indígenas Brasileiras, Descrição Lingüística, Gerativismo, Clíticos.

A língua caiabi apresenta vários problemas dos pontos de vista descritivo e teórico que ainda não foram estudados por outros investigadores. A saber: (i) grande variação na ordem no nível oracional, o que torna difícil identificar uma ordem básica. Dobson (1997), por exemplo, não postula nenhuma ordem básica para o caiabi. Oliveira (2004) sugere OSV como básica, sendo SOV derivada da primeira por meio da topicalização do sujeito; (ii) sujeitos pronominais que não se manifestam em 1ª posição na oração e cuja presença afeta a ordem oracional; (iii) construções com NPs redobrados por pronomes; e (iv) vários tipos de estruturas envolvendo o sistema complementizador da língua.

Em Gomes (2002), com base em Halpern (1995), apontamos para a existência de clíticos de 2ª posição em caiabi e sugerimos a ordem SOV como básica, a partir da qual os outros tipos de ordem seriam derivados por processos sintáticos ou fonológicos, como o de Inversão Prosódica, conforme proposto por Halpern.

Apesar de termos plantado naquele trabalho uma semente para o desenvolvimento da pesquisa desses temas, muitas questões ficaram ainda para serem descritas e discutidas. Dentre elas, podemos citar:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- (i) O estatuto categorial dos sujeitos pronominais. Seriam eles sintagmas – XPs – ou deveriam eles ser analisados como núcleos-X?
- (ii) Relacionada à questão acima, está a da representação desses clíticos. Seguindo Halpern, em Gomes (2002), sugerimos que tais pronominais, sendo de 2ª posição, se encontravam em adjunção ao IP. Tal proposta não parece, porém, ter nenhuma motivação teórica;
- (iii) Uma explicação plausível para o alto índice da ordem OSV. Sem apresentar nenhuma justificativa, postulamos que tal ordem ora era derivada por movimento sintático do objeto ora por Inversão Prosódica, tendo a ordem SOV como *input* para tais processos;
- (iv) A postulação do mecanismo de Inversão Prosódica assim como definido por Halpern explica o tipo 2W; isto é, clíticos de 2ª posição que aparecem depois da 1ª palavra acentuada, mas não o tipo 2D em que o clítico de 2ª posição ocorre após o primeiro sintagma acentuado. Neste último caso, de acordo com Halpern, não ocorre Inversão Prosódica, mas sim movimento sintático do hospedeiro para a esquerda do clítico;
- (v) A manifestação desses clíticos em 3ª e até em 4ª posições. Para explicar tais ocorrências era preciso investigar as construções envolvendo o sistema CP, como interrogativas, foco e tópico; e
- (vi) A manifestação de construções com redobro de pronomes não foi sequer descrita naquele estudo;

Neste trabalho, retomamos estas questões, à luz de algumas idéias sugeridas pela Morfologia Distribuída (Marantz, 1997; Embick e Noyer, 2001; Herd, 2004), como a da inserção tardia de itens lexicais e pelo projeto cartográfico de Rizzi (1997, 1999 e 2004) segundo o qual o sistema complementizador é mais articulado, e envolve algumas projeções funcionais.

Os nossos achados aqui podem ser assim resumidos:

O ESTATUTO CATEGORIAL DOS ELEMENTOS PRONOMINAIS

Na literatura, os clíticos, inclusive os de 2ª posição, podem ser analisados como índices de concordância. Esta é a solução de Ka-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ri (2001) para os clíticos de 2ª posição da língua Degema. Os clíticos de 2ª posição do caiabi não podem, porém, ser analisados como índices de concordância pelas seguintes razões:

(a) O verbo na forma narrativa já possui marcas de concordância de sujeito. Sendo assim, não nos parece plausível analisar os clíticos pronominais de sujeito como mais uma manifestação de concordância, como ilustra o exemplo (1):

(1) awasia ḡa o-tym OsV
milho ele 3-plantar
“Ele plantou milho”

(b) Os clíticos com estatuto de concordância estão sempre adjacentes ao verbo, uma vez que ambos se agregam aos mesmos núcleos. Os clíticos de sujeito do caiabi, porém, não precisam ocorrer adjacentes ao verbo, como ilustra a sua manifestação na ordem XPsOV em (2):

(2) Kwai ḡa ipira manurig-i XP sOV
muitos ele peixe pagar-enf.
“Ele pegou muitos peixes.”

Com base nessas duas evidências, sugerimos aqui que os clíticos de sujeito, quando não estão em construções de redobro, são XPs, com função argumental. Trata-se de pronomes fonologicamente deficientes que precisam de um hospedeiro à sua esquerda porque são enclíticos.

A POSIÇÃO SINTÁTICA DOS CLÍTICOS DE SUJEITO:

Assumimos que os clíticos de sujeito ocupam na sintaxe a posição de [Spec, TP]. Essa é a mesma posição ocupada pelo sujeito DP. Eles são para lá deslocados com a finalidade de checar os traços EPP (*Extended Projection Principle*) de T. Sendo assim, os dois tipos de sujeitos apresentam a mesma distribuição.

Além disso, assim como o sujeito DP, o sujeito pronominal pode servir de antecedente para um reflexivo, mesmo que na ordem linear não o preceda. A possibilidade de engatilhar a forma reflexiva no objeto indica que, em algum momento da derivação, o sujeito pronominal o c-comanda. O exemplo (3) ilustra essa relação:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- (3) w-og ipe gã o-í
3refl.-casa para ele ir-enf.
“Ele foi para própria casa”

Em termos distribucionais, as orações com citação direta mostram que tanto o sujeito DP quanto o sujeito pronominal parecem se encontrar na mesma posição estrutural. Essa posição é [Spec, TP]. Nestas construções, o verbo e a oração citacional se encontram no sintagma complementizador, à esquerda de TP (assumimos que seja uma posição de foco). Os exemplos (4) e (5) ilustram essa distribuição:

- O V S OI
(4) [miara je u-’u] já-ú] gã w-ekyra gã upe
onça me 3-morder disse ele 3-irmão ele para
“Uma onça me mordeu”, disse ele para o irmão.

- O V S OI
(5) [miara aipo o-je’egã-u] já-ú Juã gã jee
onça talvez 3-uivar-nar. disse João ele mim para
“Talvez , uma onça esteja uivando”, disse João para mim.

A DERIVAÇÃO DA ORDEM ORACIONAL:

A ordem básica

A ordem básica das orações afirmativas é SOV. Esta é a ordem verificada em orações pragmaticamente neutras quando tanto o sujeito quanto o objeto são DPs, conforme indica o exemplo em (6):

- (6) Miara mama’é w-etun SOV
onça coisa 3-farejar
“A onça fareja algo”

SOV é também verificada com sujeitos pronominais quando há um constituinte adverbial à esquerda na oração, como mostra (7):

- (7) [a’ê ramu] je ka’ia gã juka-ú XP s OV
então eu macaco ele matar-enf.
“Então, eu matei o macaco.”

Sugerimos que a ordem básica SOV seja derivada de SVO por meio do movimento dos constituintes oracionais para categorias funcionais localizadas no sistema flexional. S se desloca para [Spec,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TP] para satisfazer os traços EPP de T. O se move para [Spec, vP] para satisfazer os traços EPP de v. O verbo também se desloca atraído por traços formais de v. Assim, SOV é derivada. Uma evidência empírica para a hipótese de que SOV é derivada de SVO, vem de interrogativas do tipo “Qual NP” em que se verifica a palavra interrogativa no início da sentença e o NP em posição pós-verbal, como indica o dado em (8):

- (8) ma já te ere-apo ara?
qual int. 2-fazer suco
“Qual suco você fez?”

O fato de o NP constituinte do objeto interrogado aparecer à direita do verbo nessas construções, parece reforçar a nossa hipótese da derivação da ordem de SVO para SOV.

Variação da ordem e Inversão Prosódica

Quando o sujeito é um clítico pronominal, ele não pode ocupar a 1ª posição na oração porque tem natureza enclítica. Desse modo, um mecanismo de Inversão Prosódica ocorre na Fonologia e alterna a sua ordem com a do elemento adjacente. Como a ordem da língua é SOV, após a aplicação da regra, a ordem que se obtém é OsV. Sendo a maioria das orações constituídas de sujeitos pronominais, OsV é a ordem mais freqüente. Tal fato leva alguns investigadores a postularem OsV como a ordem básica da língua.

Na formulação inicial da regra de Inversão Prosódica elaborada por Halpern (1995), o clítico de 2ª posição deveria inverter com a primeira palavra prosódica sintaticamente posicionada à sua esquerda. Isto é, a Inversão Prosódica só fazia referência aos casos de clíticos de 2ª posição que ocorressem após a 1ª palavra prosódica à sua esquerda. Tal processo só podia derivar os casos em que o clítico ocorresse após o 1º constituinte do sintagma à sua esquerda. A regra como formulada inicialmente não dá conta, pois, do caso do caiabi em que o clítico de 2ª posição aparece após o 1º sintagma prosódico, permitindo a ordem OSV.

Herd (2004) sugere uma modificação da regra de Inversão Prosódica de Halpern. O autor propõe que o efeito de 2ª posição seja reduzido a exigências de localidade advindas da subcategorização

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

prosódica do clítico e satisfeitas na Inserção de Vocabulário. Inversão Prosódica passa então a ser interpretada como um filtro que assegura que só traços fonológicos sejam enviados para a interface fonológica. Assim, a estrutura hierárquica postulada por Halpern é substituída. Os clíticos de 2ª posição são, então, inseridos na fronteira prosódica mais próxima à sua esquerda. Assim, se o *output* da sintaxe for SOV, com o clítico de sujeito, obtém-se OSV com o clítico invertendo de ordem e se posicionando à direita do sintagma de objeto, conforme ilustram os exemplos (9) e (10):

(9) *ouput* da sintaxe:
gã u'ywa o-mopen SOV
ele flecha 3-quebrar
“Ele quebrou a flecha”

(10) Inversão Prosódica:
[u'ywa]φ gã] o-mopen OSV
flecha ele 3-quebrar
“Ele quebrou a flecha”

Note-se que com verbos intransitivos e sujeito pronominal a única ordem possível é Vs. Já com sujeitos DPs, a ordem é SV. Essa diferença conspira a favor da operação de Inversão Prosódica, atuando na colocação dos clíticos. Cumpre ainda observar que em construções envolvendo verbos auxiliares, cujo *output* da sintaxe é S Aux V, se o sujeito for pronominal e houver algum constituinte à sua esquerda a ordem do *output* se mantém, como no exemplo (11):

(11) y pe gã o-í o-jauka-a XP s Aux V
rio para ele aux-enf. 3-banhar-nar.
“Ao rio, ele foi banhar-se.”

Se, porém, nada se manifestar à esquerda do sujeito pronominal nesse tipo de construção, a ordem que se obtém é Aux SV, derivada, por Inversão Prosódica. Esse caso é exemplificado em (12):

(12) oo gã o-poei-ta Aux s V
aux. ele 3-lavar
“Ele foi lavar”

Com as negativas sentenciais, envolvendo o morfema descontinuo, a ordem é SVO, com sujeito DP ou pronominal. Assumimos que nesse caso, o verbo suba para NegP, o que provoca a ordem SVO. O exemplo em (13) mostra a ocorrência da ordem SVO com argumentos DPs:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(13) kasurua n-a-juka-ukar-i amu jee SVO OI
cachorro neg.-3-matar-deixar-neg. nenhum para mim
“O cachorro não me deixou matar nenhum.”

A ordem com negação sentencial e com sujeitos pronominais é sempre VSO. Essa ordem pode também ser derivada de Inversão Prosódica. Como no *output* da sintaxe, o sujeito se encontra adjacente ao verbo – SVO –, ele vai se deslocar para a sua direita, derivando a ordem VSO, conforme indica o dado em (14):

(14) n-u-apo-i gã yrupema VSO
neg.-3-fazer-neg. ele cesta
“Ele não fez cesta.”

A variação na ordem não é só obtida por Inversão Prosódica. Os elementos que se posicionam à esquerda dos clíticos podem ter sido sintaticamente movidos.

Variação na ordem e hospedeiros derivados sintaticamente:

Os elementos à esquerda dos clíticos podem ter sido derivados sintaticamente ou por movimento ou por concatenação.

Nas interrogativas sim/não e nas interrogativas QU–, sugerimos que haja movimento de núcleos e de sintagmas. As estruturas interrogativas do caiabi se assemelham a construções com foco porque têm a mesma estrutura e a mesma marcação morfológica que as construções de foco de línguas geneticamente relacionadas, como o Mekens (Galucio, 2001).

Em caiabi, existe um marcador – *te-* que ocorre em interrogativas e que parece marcar a fronteira de Foco. Todos os constituintes à sua esquerda foram deslocados para FocusP. *Te-* é um elemento sintaticamente independente que pode ocorrer sozinho à esquerda da oração, como em (15):

(15) te ere-o? te V
te 2sg-ir
“Você vai?”

Também os elementos interrogados tanto em perguntas sim/não quanto em interrogativas do tipo QU- podem se deslocar para a esquerda dessa partícula:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(16) o-pen te ene-jya? V te S
3-quebrar te 2-faca
“Quebrou a sua faca?”
(17) ene-jya te o-pen? S te V
2-faca te 3-quebrar
“A sua faca quebrou?”

(18) ma ĵá te ere-kysi ra´e?
o que te 2sg-cortar evid.?
“O que você cortou?”

As respostas para todas essas perguntas constituem informação nova e se equivalem a foco informacional. Essas respostas devem ocupar a 1ª posição na oração. A resposta para a interrogativa de objeto em (18) (“O que você cortou?”) tem uma estrutura em que o objeto aparece em 1ª posição, como em (19):

(19) te-pya je a-kysi ko O s V
1-pé eu 1sg-cortar evid.
“Meu pé que eu cortei.”

Note-se que a marca de interrogativa é semelhante morfológicamente ao marcador de foco, conforme mostra (20).

(20) jee pe te karajayfera pe-mut
mim para foco mingau 2pl-dar
“Para mim dêem o mingau.”

O marcador de foco/interrogativa pode assumir várias formas como *tee*, *te* e *ate*.

Em caiabi, parecem existir dois tipos de estruturas de foco derivadas por movimento de constituintes para a esquerda da oração. O foco relacionado à ênfase ou contraste, marcado com *te*, é encontrado em interrogativas. E o foco informacional (informação nova) que não vem acompanhado de partícula. Esse tipo de foco é o encontrado em respostas a interrogativas, por exemplo. Dessa maneira, as ordens OSV e VSO podem ser derivadas pelo movimento, respectivamente, do objeto e do verbo para FocP.

Além do foco, pode ocorrer à esquerda dos sujeitos, DPs ou pronominais, outros constituintes. Esse é o caso das conjunções dêiticas, no exemplo (21), que assumimos estar em ForceP, já que se conectam com o discurso anterior:

(21) a´eramu je ka´ia ġa juka-ú XP s OV

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

então eu macaco ele matar-nar.
“Então, eu matei o macaco.”

É possível verificar ainda em caiabi, outras estruturas com mais de um constituinte à esquerda de TP. Tais construções provocam o efeito de 3ª e até de 4ª posições com os sujeitos pronominais: Esses casos estão exemplificados em (22) e (23):

(22) [a'e ramu] [ywakaty] je o-í tajao are
XP XP s Aux PP

então rio acima eu ir-enf. porco atrás
“Então, eu vou rio acima atrás de porco.”

(23) [Takui tee] [awamuwe] kyná w-erut O XP s V
Takui só agora ela 3-trazer
“Só Takui (nome) agora, ela trouxe.”

Existe também um constituinte que se coloca após os dêiticos e focos que parece ter uma natureza aspectual. Trata-se de *nipoa'e*. Tal elemento pode estar em FinP. Quando todos esses elementos relacionados à periferia esquerda da oração co-ocorrem, o clítico se manifesta até em 4ª posição, como ilustra o exemplo (24):

(24) a'eramú teefutat nipoa'e gã mama'e r-esag-i
XP XP X SOV
então realmente talvez ele coisa r-ver-enf.
“Então, ele viu coisas.”

O REDOBRO DE CLÍTICOS

Em caiabi qualquer NP com o traço [+ humano], sendo ele sujeito, objeto de verbo, objeto de posposição ou sintagma genitivo, pode ser redobrado por um clítico. Esse é o caso do sujeito em (25):

(25) [ore-r-a'ýra gã] ka'ia o-juka SOV
1pl-rel-filho ele macaco 3-matar
“Nosso filho matou o macaco.”

A análise aqui oferecida para os clíticos de redobro sustenta que tais elementos e o NP redobrado se encontram dentro do mesmo sintagma. Uma evidência para essa afirmação vem de casos em que os dois elementos se deslocam juntos para a posição de foco, como ilustra o exemplo 26 em que o objeto aparece focalizado:

(26) [ka'ia gã] tee je i-juka-ú O te s V
[macaco ele] eu 3-matar-enf.
“Só macaco, eu matei.”

Assumimos ainda que nesses casos, o clítico se encontra no

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

núcleo de DP e o NP, na posição de especificador. Com base na proposta de Tavares Silva (2005) para o Português Brasileiro (PB), assumimos também que nessa configuração, eles mantêm uma relação de concordância, já que os traços de gênero e de número devem ser os mesmos. Esses traços phi que o clítico carrega na posição de núcleo do DP, empresta à construção um efeito de definitude, como ilustra o exemplo (27b):

- (27) (a) Apiaka a´yra
Apiaka filho
“Filhos de Apiaka”
(b) Apiaka a´yra wã
Apiaka filho eles
“Os filhos de Apiaká.”

CONCLUSÕES

Com base nesta exposição, podemos concluir os seguintes sobre os temas investigados:

- (i) a ordem básica do caiabi é SOV;
- (ii) os sujeitos pronominais, quando não redobram NPs, são argumentos que ocupam a posição de [Spec, TP];
- (iii) os sujeitos pronominais são enclíticos e por isso precisam de um hospedeiro, à sua esquerda ;
- (iv) o hospedeiro do clítico pode ser colocado à sua esquerda por um processo de Inversão Prosódica, derivando as ordens OsV de sOV e VsO de SVO nas construções negativas. A alta ocorrência da ordem OSV se deve ao fato de que a maioria dos sujeitos é expressa na forma de pronominais.
- (v) o hospedeiro do clítico também pode ser fornecido pela sintaxe, através de regras de movimento ou de concatenação de constituintes, também derivando as ordens OSV e VSO;
- (vi) os efeitos de 2ª posição são uma consequência dessa deficiência prosódica do clítico e são verificados somente quando apenas um elemento se encontra à sua esquerda;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(vii) quando a sintaxe coloca mais elementos na periferia esquerda da oração, se verifica o clítico ocupando 3^a e até 4^a posições;

(viii) todas essas posições à esquerda do clítico parecem indicar que a periferia esquerda do caiabi contém algumas projeções funcionais, como Force P (indicada por conjunções dêiticas), FocP que se manifesta nas interrogativas e estruturas de foco (informacional e contrastivo). Além dessas duas, postulamos também a existência de TopP e FinP. Tem-se então evidência para a proposta do projeto cartográfico de Rizzi, segundo o qual a periferia esquerda da oração é mais articulada, isto é, parece conter mais projeções do que se costumava postular através de um CP unificado;

(ix) nos casos de redobro, o clítico é o núcleo do DP e confere à construção um efeito de definitude. Os casos de redobro nos levaram a assumir a idéia da Morfologia Distribuída de Inserção Tardia porque um mesmo item de vocabulário ora se realiza como XP, quando inserido na posição de sujeito em Spec, vP, ora se realiza como X, quando inserido no núcleo de DP.

Cumpramos notar ainda que, apesar de este trabalho ter sido realizado apenas com dados de fontes secundárias (Dobson) e de ter sido uma tarefa muito árdua levantar e analisar os exemplos aqui apresentados no meio de tanto “ruído”, mostramos que é possível realizar um estudo de base descritiva com uma preocupação teórica nesses termos.

BIBLIOGRAFIA

DOBSON, R. Notas sobre substantivos do caiabi. **In:** *Série lingüística*. nº 1, Brasília: SIL, 1973.

———. Repetição em caiabi. **In:** *Série lingüística*, nº 5. Brasília SIL, 1976.

———. *The functions of narrative, declarative and focus forms of the caiabi Verb in Narrative Discourse*. /s.l./ Summer Institute of Linguistics, 1980.

———. *Aspectos da língua caiabi*. Série Lingüística. N. 12. Brasília: SIL, 1988.

———. *Arquivo de textos indígenas (caiabi)*. Brasília; SIL, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- . *Kayabí texts*. Brasília: SIL, 1997.
- . *Gramática prática com exercícios da língua caiabi*. Arquivo Lingüístico N. 228. SIL, 1997.
- EMBICK, D. & NOYER, R. Movement Operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, Fall 2001, Vol. 32, n. 4, 2001, 555-595.
- GOMES, Nataniel dos Santos. *Observações sobre aspectos gramaticais do caiabi: variação na ordem e clíticos de 2ª posição*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2002.
- HALPERN, Aaron. *On the Placement and Morphology of Clitics*. California: CSLI Publications, 1995.
- HERD, J. Deriving Prosodic *Inversion*: Clitics, cyclicity and the organization of post-syntactic interfaces. Toronto Working Papers in Linguistics, 2003, 21.
- KARI, Ethelbert E. *Cliticization, movement and second position*. Languages of the world. 26. Lincom Europa, 2003.
- MARATZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **In**. DIMITRIADIS, Aléxis (ed). *Proceedings of the 1988 Penn Linguistics Colloquium*, 1988.
- OLIVEIRA, R. C. *Morfologia e sintaxe da língua xavante*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras / UFRJ, 2007.
- RIZZI, L. "The fine structure of the left periphery. **In**: Haegeman, L (ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- . *On the position "Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause"*. Universidade de Siena. Ms, 1999.
- . "Locality and Left Periphery". **In**: Belletti, A. (ed). *Structures and beyond: The Cartography of Syntactic Structures*. Vol. 3 Oxford: Oxford University Press, 2004.